

ENTREVISTA COM VALTER SINDER



Valter Sinder é antropólogo. Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Professor Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É doutor em Literatura Comparada pelo Departamento de Letras da PUC-Rio (1992), Mestre em Antropologia pelo Museu Nacional UFRJ (1986) e Bacharel em Ciências Sociais pela UFF (1980). Possui pós-doutorado na University of Austin, nos Estados Unidos (1997-1998). Foi professor visitante na Leipzig Universitat, na Alemanha (1998-2000), na University of Notre Dame, nos Estados Unidos (2000) e na Yale University, nos Estados Unidos (2001-2002). Nesta entrevista, realizada por Maria Candida Vargas Frederico no dia 3 de dezembro de 2024, dentro da sala de pós-graduação de Ciências Sociais da PUC-Rio, Valter Sinder conta como foi sua formação em antropologia da década de 1980, seus interesses sobre literatura em interseções com a antropologia, suas experiências internacionais, além de suas passagens como diretor e coordenador do curso de Ciências Sociais na PUC-Rio, ao longo de 40 anos de carreira acadêmica.

Maria Candida Vargas Frederico - Como você escolheu as ciências sociais e, em especial, a antropologia?

Valter Sinder - Eu comecei a fazer universidade em 1977, em psicologia. Eu fiz um semestre de psicologia e achei que não era aquilo que eu queria. Em 1977 eu fiz novamente o vestibular, e em 1978 entrei na UFF, na graduação em ciências sociais. Mas eu tinha também em

1977 aplicado para fazer sociologia na Universidade de Jerusalém, na qual eu fui aceito. Então eu iria para Jerusalém para estudar sociologia. Como uma parcela de jovens, hoje, que a gente chama de “mochileiros”, eu saí para fazer um passeio de mochila na América Latina: Argentina, Chile etc. com meu irmão. Andamos, e, quando eu voltei, eu já tinha sido aceito pela Universidade de Jerusalém e passado na UFF. Estava tudo preparado para ir embora, e quando voltei, não sou capaz de dizer o porquê, eu tinha decidido que eu iria ficar na UFF. Não pensei mais em voltar para Jerusalém, nunca mais voltei lá – apesar de ter vontade. Eu tinha morado lá um tempo, então é muito curiosa essa decisão de fazer sociologia. Primeiro, psicologia, depois sociologia, eu acabei optando por fazer ciências sociais, e cada vez mais eu já entrei na universidade pensando em estudar antropologia.

O curso da UFF era um curso de 4 anos, como a maioria dos cursos de ciências sociais, e eu resolvi que eu tinha que me orientar para fazer antropologia, e para fazer antropologia no PPGAS Museu Nacional. As escolhas que a gente tinha para quem queria seguir carreira acadêmica em ciências sociais à época no Rio de Janeiro eram: Antropologia no Museu Nacional /UFRJ e Sociologia e Política no antigo IUPERJ /UCAM. Então eu entrei na UFF, o curso era de 4 anos, em 1978, e eu fiz em três, porque eu já sabia que eu queria ir para o Museu Nacional. Eu fiz estágio, virei monitor em antropologia, trabalhei com o professor Wagner Neves Rocha, que foi o segundo mestrando a defender no PPGAS do Museu Nacional. Wagner Neves Rocha era um grande especialista em antropologia da religião, a maior biblioteca que eu já entrei na minha vida sobre religião é na casa dele. Ele tinha um anexo do apartamento dele que tinha em torno de 12 mil livros de estudos de religião, e a gente andava muito com ele. “A gente” que eu falo era um grupo de alunos, monitores e tudo mais. Aos sábados, a gente saía da UFF, pegava as barcas, atravessava para o Centro do Rio de Janeiro, e vinha para cá para passear nos sebos. A gente andava pelos sebos, aprendemos a andar pelos sebos junto com o Wagner, onde procurar, como procurar. Ele tinha absolutamente tudo, inclusive a coleção do *L’Année sociologique*, encontrada por ele em um sebo, que era superinteressante. Eu trabalhei com Wagner como monitor, já me direcionando para fazer uma seleção de antropologia no Museu Nacional. Eu pude fazer a graduação em menos tempo, porque na UFF, à época, eu não precisava trabalhar, eu só estudava e fazia estágio, e eu estagiei numa hemeroteca de Niterói. A gente fazia uma pesquisa ali dentro, estudantes de ciências sociais, e fazia a catalogação de jornais de Niterói, principalmente num jornal chamado *O Fluminense*. Enfim, eu fiz o curso em três anos porque podia fazer cursos à noite e à tarde, aumentando o número de créditos a que podia me dedicar, e terminei a graduação em 1980. Neste mesmo ano eu prestei exame no meio do ano, em julho, antes de terminar o curso, para o mestrado em Antropologia Social do Museu Nacional. Fui aprovado para começar em março do ano seguinte. Então a escolha de ciências sociais foi muito mais a escolha de antropologia. Eu tinha a intenção de estudar antropologia, tinha intenção de estudar o que a gente chama de “diversidade/diferença”.

Mas eu entrei para o Museu Nacional para estudar relações interétnicas, eu pretendia inicialmente pesquisar grupos indígenas em contato com a chamada “sociedade envolvente”. Fiz um primeiro curso no Museu com a professora Giralda Seyferth, que era grande especialista em relações interétnicas no Museu Nacional, com uma tese muito interessante sobre migração alemã no sul do Brasil. O Museu à época tinha um orientador de curso, e o meu orientador de curso, que não necessariamente viria a se transformar no orientador de dissertação, foi o Eduardo Viveiros de Castro. Eu conversei com ele, e ele falou: “Se você quer estudar isso, você vai fazer o curso da Giralda”. Então eu fiz a disciplina sobre relações interétnicas, na qual eu li a bibliografia que existia sobre relações interétnicas, produzi um trabalho, li tudo do Roberto Cardoso de Oliveira, que era uma figura muito importante desse campo de estudos. Toda essa literatura existia ali, eu li tudo, fiz um trabalho sobre isso, apresentei, e ao final do semestre procurei o Eduardo para conversar e disse para ele o seguinte: “Conheci toda a bibliografia, achei muito interessante, mas não quero trabalhar com isso não. Agora que eu entendi claramente o que é, o que é a pesquisa, eu acho muito interessante, mas não é para mim. Eu quero trabalhar com literatura”. Por sorte minha, Eduardo Viveiros de Castro, tinha todo um *background* a partir principalmente do estruturalismo, mas também da literatura.

Maria Candida Vargas Frederico - Após a experiência com literatura no mestrado, seu doutorado ainda foi em literatura comparada aqui na PUC-Rio. Como você percebe essa relação entre letras e antropologia?

Valter Sinder - O Eduardo Viveiros de Castro me orientou no mestrado e eu acabei desenvolvendo uma dissertação sobre antropologia e literatura. A minha intenção era partir de algo que me seduzia, e continua me seduzindo, que era a reflexão do estruturalismo — que aqui no Brasil continuava sendo muito importante, e o Eduardo conhecia muito bem, e conhece muito bem. O conhecimento de Eduardo sobre estruturalismo, de maneira geral e na antropologia de maneira específica, era muito grande. E ainda tem o seguinte: o Eduardo, à época que ele foi meu orientador, ele não era doutor ainda. Ele era professor do Museu Nacional, ele estava fazendo a pesquisa de campo dele, para defender no Museu o doutorado em antropologia. Durante seis meses Eduardo me deixou “sob a guarda” de Gilberto Velho, porque ele foi para o campo, então pediu que Gilberto Velho me ajudasse no que fosse necessário. Eu me encontrava com Gilberto Velho, e ele me ajudou nas reflexões sobre literatura, sobre a possibilidade de pensar a literatura a partir da antropologia, e, principalmente, a partir de estudos de mitologia, que eram as *Mitológicas* de Claude Lévi-Strauss.

O meu mestrado foi dedicado, a dissertação, a pensar na possibilidade do estruturalismo, e do estruturalismo na antropologia, pensar o mito, em pensar a literatura, o que me obrigou a me voltar para a teoria literária. Então, a questão foi pensar a literatura, para entender como os pesquisadores que trabalham especificamente com teoria da literatura abordam essas questões, e quais são as conversas possíveis. Tanto que na minha dissertação de mestrado, minha banca

foi o Eduardo Viveiros de Castro, o orientador, Luiz Fernando Dias Duarte, que era do Museu Nacional, e a Heidrun Olinto Krieger, professora do Departamento de Letras da PUC-Rio, especialista em teoria da literatura; uma pessoa com quem depois tive muito contato, uma pessoa fantástica, que se aposentou aqui da PUC alguns anos atrás como professora titular de Teoria da Literatura. Quando eu estava no final do doutorado, já escrevendo a tese, de vez em quando eu vinha aqui para a PUC, para fazer cursos como ouvinte em Teoria da Literatura, o que cada vez mais foi me aproximando da possibilidade de vir para a literatura.

Em 1982, 1983 eu comecei a dar aula, coisa que hoje em dia é mais difícil, mas eu comecei a dar aula na universidade em 1982. Inicialmente, em Introdução à Sociologia na Faculdade de Direito da Cândido Mendes – no centro da cidade. Eu fazia mestrado, não tinha nem defendido minha dissertação de mestrado. E depois na Faculdade da Cidade, que depois virou UniverCidade, no Departamento de Humanidades, onde eu encontrei o Hélio R. Silva, que mais tarde escreveu sobre travestis, e também com o Luiz Eduardo Soares, a Tatiana Lins e Silva, o Ítalo Moriconi e vários outros colegas, enfim, um grupo ótimo. O Ítalo era da área de literatura, sempre trabalhou com literatura brasileira. Em conversa, ele falou: “Por que você não faz literatura na PUC?” Fiquei perplexo: “Mas literatura?”. Quer dizer, a literatura para mim é uma reflexão que eu uso a partir da antropologia. Eu até conheço a teoria da literatura, porque eu fui obrigado a trabalhar com isso. Ele falou: “Eu acho que você devia ir para lá, porque o Departamento de Literatura Comparada da PUC do Rio de Janeiro é um departamento em que essa questão de interdisciplinaridade tem uma marca profunda”. Eu falei: “Mas eu não tenho formação em Letras”. E ele falou: “Mas lá as pessoas vão te aceitar bem”. E eu falei: “Mas que pessoas?”. Tinha uma tríade aqui que era importante: Luiz Costa Lima, Affonso Romano de Sant’Anna e Silviano Santiago. Eram três professores que estavam à frente da teoria da literatura, um com conversas com a psicanálise, um com a sociologia e a antropologia, e Silviano Santiago que vinha muito mais da conversa com Jacques Derrida, com a filosofia francesa.

Então eu vim para a PUC, fiz a prova, fui admitido e comecei o doutorado em literatura, e com uma porção de furos de formação. Muita coisa que eu perguntava dentro de sala de aula fazia com que as pessoas olhassem para mim e falassem assim: “Mas a gente viu isso na graduação”. Eu falava: “Eu não, né. Eu fiz ciências sociais. Então, desculpa, eu não conheço isso, eu vou estudar”. Eu comecei a estudar coisas que eu não sabia, eu comecei a me formar por isso, mas a conversa com a antropologia, com a psicanálise, com a filosofia, era muito grande.

Já escrevendo a tese eu entrei para ser professor aqui do departamento, em 1987. Então, quando eu defendi minha tese de doutorado aqui na PUC, eu já era professor do Departamento de Sociologia e Política. Eu entro como professor do quadro complementar do departamento, em um departamento absolutamente estruturado da forma como se estruturavam os cursos de ciências sociais na década de 1980. O que significa isso? Significa que eram cursos muito rígidos/engessados, tanto aqui como na UFRJ, no IFCS, como na UFF e na UERJ. Rígido no

sentido de: com muitos pré-requisitos, com muitas cadeiras obrigatórias, com a possibilidade muito pequena de você fazer cursos fora do departamento. A antropologia aqui era assim: Antropologia I, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 – sequencial e muitas vezes com pré-requisitos. Era uma coisa que me fazia pensar, e que corte de antropologia era esse? O que é isso que está acontecendo aqui? A maioria de nós professores era uma geração que estava chegando com mestrado e iniciando já o doutorado, o que era algo novo. A pós-graduação aqui no Brasil começa na década de 1960 — pós-graduação, que eu falo, nas ciências sociais. Tanto o antigo IUPERJ como o Museu Nacional iniciaram seus mestrados entre 1966 e 1968. Então o que estava acontecendo é que cada vez mais chegavam pessoas com pós-graduação. Meus professores na UFF eram formandos do mestrado, principalmente no Museu Nacional, ou do antigo IUPERJ. Colegas nossos hoje em dia: Roberto Kant de Lima, Marco Antonio Mello e Renato Lessa, por exemplo. Os jovens que estavam chegando vinham com uma formação muito mais acadêmica, no sentido de formação *stricto sensu* acadêmica.

Quando eu venho para cá como professor, eu já era mestre e estava acabando meus cursos de doutorado. A minha questão era a conversa entre antropologia e literatura, meu orientador à época foi o Affonso Romano de Sant'Anna. O Affonso me acolhe na orientação, e o meu trânsito entre os três grandes professores do departamento, Affonso, Silviano e Luiz Costa Lima, era muito bom. Eu fui aluno dos três, conheço os três até hoje, tive ótima formação pelos três professores.

Eu entrei como professor na UERJ em 1987 como colaborador e em 1989 como concursado. Então eu comecei no mesmo momento aqui e na UERJ. Foi o momento em que eu deixei de ser professor da Faculdade da Cidade, porque eu vim para a PUC e fui para a UERJ. Eu entrei na UERJ com uma carga horária de 20 horas e comecei aqui na PUC como professor do quadro complementar. Neste mesmo ano, em 1989, eu ganhei uma bolsa sanduíche e fui para os Estados Unidos, a convite do Roberto DaMatta, que à época já era professor da Cátedra Rev. Edmund Joyce a qual ele foi convidado a ocupar na Universidade de Notre Dame, no Kellogg Institute. O Kellogg Institute era dirigido à época por um cientista político argentino, que havia passado pelo IUPERJ, pelo Brasil, que é o Guillermo O'Donnell. Então, o Guillermo O'Donnell era o diretor-geral do instituto, o Roberto DaMatta era professor do Departamento de Antropologia ligado a esse instituto, e eu fui para lá para ter uma bolsa sanduíche, que foi fantástico.

Em 1989 ganhar uma bolsa dessas foi um choque, porque você chega numa universidade como Notre Dame, norte-americana, e leva um susto porque a biblioteca de Notre Dame tem treze andares. Você olha aquilo e pensa: “O que é isso?”. Treze andares de biblioteca, num sistema diferente do que a gente está acostumado, que é o que a gente chama de *Open Stack*. Você poderia consultar fichários e ver em que andar está o livro que você quer, pegar o elevador e buscar o livro encontrando todo o acervo, e você pode circular pelo acervo o tempo todo. Então não só você tem o contato de pegar o livro, mas quando você pega o livro numa determinada

estante, que você está procurando e que você achou na sua busca, você vê uma porção de livros que foram catalogados e colocados juntos, muitos que você não conhecia nem os autores nem as temáticas. Então a pesquisa era ao mesmo tempo de ficha, só que quando eu cheguei lá, ao contrário daqui da PUC, não era mais ficha física, pela primeira vez tive contato com o sistema “computador”, onde estava ali indexado. Eu podia jogar “antropologia” e “literatura”, e o sistema me jogava uma quantidade enorme de possibilidades através dessas palavras-chave que eu podia colocar. Então foi fantástica, realmente, a minha experiência lá.

E eu não tinha muita clareza; eu queria trabalhar com antropologia e literatura - então comecei a pesquisar e descobrir. Eu descobri que várias pessoas nos Estados Unidos vinham trabalhando com a relação entre antropologia e literatura, e fui introduzido a um livro que só foi traduzido aqui no Brasil 30 anos depois, que é o *Writing Culture*¹, que é todo um movimento fundamental nos Estados Unidos. A minha sorte é que ele começa em 1984, com a publicação do livro em 1986, e eu cheguei nos Estados Unidos em 1989. Então quando eu peguei aquilo ali, era uma temática nova, era uma nova forma de pensar antropologia, antropologia como narrativa, e tudo mais, e eu comecei a descobrir uma literatura que eu nem sabia que existia, descobrir interlocutores que eu não conhecia, vários pesquisadores que trabalhavam com isso.

Nesse período, eu fui a Los Angeles, na Universidade da Califórnia, para um congresso específico sobre este tema, financiado pela bolsa. Eu ganhei na época não só a bolsa sanduíche, mas eu fui Fulbright Scholar, então eu tinha, felizmente, duas bolsas, a bolsa CAPES-CNPq e a bolsa Fulbright. Então a Fulbright financiava também os eventos. Então eu fui para lá, e foi fantástico, eu comecei a fazer o que hoje também virou uma coisa completamente datada, que era cópia xerox. Por quê? Porque a gente não tinha internet, a internet estava começando nos Estados Unidos nessa época. Eu às vezes conseguia mandar um e-mail para cá para a PUC ou para a UERJ, mas a rede de internet aqui no Brasil que a gente utilizava era discada, a gente conectava, fazia aquele barulhinho, conectava, daqui a pouco caía a ligação. Então, enfim, a bolsa sanduíche foi fantástica porque eu pude reunir, eu separei caixas de texto xerox; quando eu me dei conta que eu não ia conseguir ler tudo aquilo ali, coloquei em caixas, copiei tudo, mandei por navio - porque era a possibilidade de você ter acesso a textos que aqui a gente não conhecia ou que demorariam a chegar.

No segundo mês em que eu estava lá, eu fui à lojinha da universidade de aparelhos de informática, eletrônicos, onde você tem desconto, porque você é afiliado à universidade, e comprei o meu primeiro computador em que eu sabia mexer. Porque eu já até tinha um computador aqui no Brasil, mas era um PC - com linguagem DOS. Você tinha que implantar o programa para poder escrever ali, trabalhar com editor de texto era uma confusão, e eu comprei o *Macintosh* da *Apple*, onde

¹ CLIFFORD, James; MARCUS, George. *A escrita da cultura: poética e política da etnografia*. Tradução de Maria Claudia Coelho. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens/edUFRJ, 2016.

eu não precisava implantar nada. Esse Mac é um computador que hoje em dia tem muito menos memória do que o telefone celular, mas que você ligava, e simplesmente clicava em cima dos ícones — o que o *Windows* depois vai fazer —, e abria o programa. Quando a gente clica em cima, na verdade é uma ordem que está sendo colocada; anteriormente não existia isso, e eu fiquei absolutamente fascinado com a possibilidade de trabalhar com aquilo ali. Eu não tinha internet em casa, imagina. Só na universidade que a gente tinha algum acesso à internet. Não era essa internet que a gente tem acesso hoje, mas eu tive acesso ao editor de texto. Eu tinha escrito minha dissertação de mestrado à mão, depois datilografado. E pude ter acesso a editor de texto e a um programa que eu nunca mais esqueci, que se chama *End Note* —um programa de organização de bibliografia. Ele te abria a possibilidade de você inserir o nome do autor, o nome do livro, fazer um pequeno resumo, indexar com palavras-chave e guardar ali dentro. Depois você mesmo mandava buscar e ele pegava para você tudo o que você tinha indexado junto a determinado assunto, coisas que hoje em dia são absolutamente banais, mas que na época facilitavam a vida da gente de uma maneira impressionante.

Enfim, eu voltei para o Brasil. Fiquei fora em 1989 e 1990, daí volto para o Brasil, continuo dando aula e fazendo o meu doutorado, e acabei entrando na discussão que ficou conhecida como da escrita da cultura. A minha tese de doutorado vai ser focada nessa relação.

Só para abrir um parêntese que eu acho muito curioso, que é o seguinte: em relação a minha tese de doutorado. - Quando defendemos, são cinco pessoas, mais os suplentes. Então tínhamos que montar uma banca e eu queria muito que o Roberto DaMatta estivesse presente. Ele foi meu coorientador nos Estados Unidos, e eu queria muito que a defesa fosse realizada em uma época em que ele estivesse aqui no Brasil, ele vinha em outubro — tem um *break* no calendário norte-americano, e a gente colocou a defesa dentro desse período em que ele estaria no Brasil. Tudo arrumado, preparei a tese, mandei a tese para as pessoas. Faltando duas semanas para minha defesa de tese, meu orientador, Affonso Romano de Sant’Anna, me liga e me fala o seguinte: “Valter, olha só, você sabe que eu estou de licença da PUC – (ele estava exercendo a presidência da Biblioteca Nacional) - “e eu não tenho como deixar de representar o Brasil no exterior como presidente da Biblioteca Nacional na semana em que você vai defender a sua tese. Então ou você vai ter que remarcar, o que implica uma confusão, ou eu não vou estar presente”. Aí eu falei: “O que você sugere?”. Ele falou: “Meu papel ali é simplesmente de coordenador, o que eu tinha que conversar com você a gente já conversou. Então eu vou pedir a minha colega Heidrun” (que havia feito parte da minha banca de dissertação), “para ser a presidente da banca, e eu não vou estar presente”. Eu falei: “Então está bom”. Então eu tenho a peculiaridade de defender minha tese de doutorado sem a presença do meu orientador. Então, o meu orientador não estava presente, e isso foi uma sexta-feira, aqui na PUC. Meus alunos estavam presentes, porque eu era professor do Departamento de Sociologia e Política à época. E isso foi sexta. No domingo, ainda na ressaca de ter defendido a tese de doutorado, toca o interfone na minha casa, e então uma amiga falou:



“Oi, Valter, tudo bem? Parabéns. Soube que você defendeu sua tese”, etc. “Você já leu o *Jornal do Brasil* de hoje?” Eu falei: “Não, estava dormindo, ainda não li jornal nenhum. O que houve?”. Ela falou: “Abre o caderno B do *JB* e dá uma olhada na coluna do Affonso Romano de Sant’Anna”. Eu falei: “É mesmo?”. Aí abri a coluna, a coluna do Affonso era sobre minha tese. Ele publica um artigo comentando a tese, muito elogioso. Eu olhei e fiquei tipo: “Caramba! O que é isso”. Então há um comentário, que se chama “Colombo e Quixote”, porque o primeiro capítulo da minha tese é uma reflexão sobre a possibilidade de construção de verdade narrativa pegando como exemplo Dom Quixote de La Mancha e Cristóvão Colombo no seu diário. O Affonso fez uma coluna inteira sobre minha tese, o que muito me sensibilizou, é óbvio, e que eu tenho guardado até hoje. Fiquei sensibilizado. Ele foi muito generoso. Um aprendizado que espero ter incorporado na minha prática.

Maria Candida Vargas Frederico - Ainda sobre suas experiências internacionais, fale sobre sua atuação como professor visitante na Alemanha, e depois seu retorno aos Estados Unidos como professor visitante.

Valter Sinder - Vou te contar um pouco antes. Eu defendi a tese em 1992 e continuei como professor. Em 1997, quer dizer, antes dessa experiência na Alemanha, eu saí para fazer pós-doutorado. Então eu passei um ano inteiro em 1997, a partir de uma liberação daqui da PUC e da UERJ, fazendo pós-doc na Universidade do Texas, em Austin. Você sabe que pós-doc, pelo menos para mim - na época em que eu ganhei, era um prêmio. Porque o pós-doc é o seguinte: depois de você ter ralado enlouquecidamente para fazer uma tese de doutorado, com todas as crises que a gente tem, você ganha a possibilidade de ter uma bolsa, ficar liberado do seu trabalho, e não ser obrigado a apresentar uma tese. Você propõe um estudo que quer desenvolver e produz resultados do trabalho desenvolvido. Então, eu fui para o Texas, fui para o Instituto Latino-Americano de Pesquisa, o ILAS. Essa Universidade do Texas, em Austin, tem a maior biblioteca latino-americana existente, chama-se Benson Latin American Collection. Dizem que o acervo sobre o México ali existente é inúmeras vezes maior do que o acervo da Biblioteca Nacional do México. A Universidade do Estado do Texas é uma universidade pública gigantesca com mais de 40 mil alunos. Enfim, eu vou para lá e a Benson Latin American não só tem uma coleção sobre o México, mas sobre a América Latina, que é uma coisa impressionante. Então eu passei um ano fazendo pesquisa não só na Benson, mas na biblioteca central. A biblioteca central também, mais uma vez, fantástica. Eu passo um ano fazendo pesquisa, o que, para mim, foi muito importante.

Eu fui em 1997 e neste ano aparece a chamada para um congresso no México, só para ligar aqui os pontos, na Cidade do México, sobre pós-modernidade nas ciências humanas e Sociais, e eu tinha ficado amigo de um historiador latino-americano mexicano que me foi apresentado pela professora da UERJ Helena Bomeny, que um ano antes de mim tinha ido fazer uma bolsa sanduíche na Califórnia. Ela ficou amiga do Maurício Tenório Trillo, que é um grande historiador latino-americano, hoje em dia ele é professor da Universidade de Chicago. Maurício à época era *assistant*

professor da Universidade do Texas. Quando eu falei que eu iria para lá, a Helena falou: “Por que você não procura Maurício? É um amigo mexicano” etc., e a gente acabou se tornando também muito amigo. Na época, vi uma chamada para um congresso interdisciplinar na Cidade do México e comentei com ele. Maurício falou: “Eu vou para esse congresso, vamos juntos, é um congresso legal que vai acontecer lá”. E eu escrevi um pequeno *paper* sobre o pensamento social brasileiro, porque na época eu já frequentava aqui no Brasil na ANPOCS o grupo de trabalho sobre o tema. Eu escrevi uma pequena apresentação dos paradigmas do pensamento social brasileiro. Chama-se “Paradigmas e paradoxos do pensamento social brasileiro”², esse foi o artigo que eu escrevi para apresentar lá. Eu mostrei para o Maurício, e ele traduziu para o espanhol para mim. Ele fala português também, é sempre difícil fazer uma tradução, mas ele, da área de história, fez uma tradução fantástica. Eu falava razoavelmente espanhol, entendia, só que na época Maurício não pôde ir e eu fui sozinho.

Então eu fui para a Cidade do México, fui lá para o congresso, apresentei o meu *paper* sobre o pensamento social brasileiro, seus paradigmas, suas possibilidades de reflexão, e tudo mais. Quando acabou a conferência, um professor da Universidade de Leipzig, na Alemanha, do Departamento de Estudos Romanísticos me chamou para tomar um café, porque tinha gostado do meu *paper*. Ele é chileno de nascimento, tinha se radicado na Alemanha desde os 20, 30 anos, ou seja, ele fala espanhol, ele fala alemão fluentemente, e ele vinha a ser o professor titular da cadeira de romanística da Universidade de Leipzig. Conversamos e ele falou: “Olha só, eu tenho a possibilidade de convidar uma pessoa para ir como professor para dar aulas de Cultura Brasileira na Universidade de Leipzig, eu gostei muito do seu *paper*, eu gostei muito da nossa conversa agora. Você não quer vir?”. Aí eu falei para ele: “É, pode ser, não sei”. Eu contei para ele onde eu estava, eu falei: “Bom, eu estou fazendo um pós-doc na Universidade de Austin. Quando é? Como é?”. Ele falou que tudo bem, pode ser. Enfim, voltei para Austin, contei essas coisas para o Maurício Tenório Trillo, e ele disse: “Isso é conversa de acadêmico, deve ter falado por falar”. Passados seis meses, chegou uma papelada pelo correio para mim, que era o contrato para ser professor visitante da Universidade de Leipzig, da cadeira que ele estava me propondo para assumir.

Quando eu fui para Leipzig em 1999, foi a convite do Alfonso de Toro, que era o professor titular do Instituto de Romanística. Então quando a gente brinca com os alunos ou com os orientandos, dizendo “vai a Congresso, se expõe, fala, conversa” e tudo, “faz o que a gente chama hoje de ‘redes’, faz contatos”, é porque você vai descobrir pessoas que você não sabia que podem se interessar por aquilo que você está colocando. Então descubra quem são seus interlocutores, descubra a sua turma, vá se colocar.

Enfim, eu fui em 1999 e dei um curso de cultura brasileira, foi isso que ele me pediu. Eu dei o curso na pós-graduação *em português*, porque os alunos eram alunos que falavam português;

² SINDER, V. *Paradigmas e Paradoxos na História do Pensamento Social Brasileiro*. Brazil Center Speakers Series, University of Texas at Austin, 1997.

eram alemães que falavam português. Então ele perguntou: “Você pode dar o curso em português, inglês, espanhol, o que você prefere?”. Eu falei: “Português”, óbvio, né. Para mim é muito mais fácil. Então eu dei um curso em Leipzig, lá as aulas eram de outubro até eu acho que fevereiro, por causa do semestre. Então fiquei em 1999 e fiquei em 2000. Voltei depois a Leipzig para um congresso e foi uma experiência incrível de conhecimento. Em 1999 fazia dez anos da reunificação da Alemanha e a Universidade de Leipzig tinha voltado a se chamar Universidade de Leipzig depois que caiu o muro, porque durante o domínio Soviético, se eu não me engano, chamava-se Universidade Karl Marx (Karl-Marx-Universität). Ela tem um prédio principal mais moderno – no centro histórico da cidade – é aquela arquitetura muito marcada, soviética. Um prédio completamente quadrado, assim, um virado para o outro, que eles falam que é um livro aberto. Eu morei no centro de Leipzig, a universidade tem uma moradia para professores e convidados em frente à igreja onde começou o movimento na Alemanha que acabou levando à queda do muro de Berlim. E Leipzig é uma cidade medieval, linda. Eu morei no centro velho, então é uma coisa fantástica. Não só a experiência da universidade, o contato com os estudantes, mas o contato dentro ali da Europa, do que estava acontecendo.

Quando eu estava na Alemanha, veio um convite, ainda no ano 2000, no momento das comemorações dos 500 anos do Brasil. Eu recebi um convite para ainda no ano de 2000 voltar à Universidade de Notre Dame – onde eu tinha estudado com a minha bolsa sanduíche – durante um mês para inaugurar uma cátedra que estava sendo financiada em vários pontos pelo governo brasileiro, que se chamava Cátedra de Estudos Brasileiros. Então eu inaugurei, dei uma aula inaugural. Então eu passei um mês lá, dei uma série de palestras além da aula inaugural dessa cátedra. E enquanto eu ainda estava lá, eu apliquei para uma seleção para conseguir ir como professor visitante na Universidade Yale, era também para o Instituto Latino-Americano. Eu acabei sendo selecionado e ganhei a posição por um ano na Universidade Yale nos Estados Unidos. Essa posição é o seguinte: é negociado entre vários departamentos, eles indicam quem eles querem chamar — eu fui indicado pelo Departamento de antropologia e de letras ao mesmo tempo — para ir ocupar durante um ano uma posição que foi criada com uma verba doada por uma família para receber professores estrangeiros e para possibilitar os alunos de Yale a ter um contato com outros grupos, outras culturas, outras formações.

Então eu fui em agosto de 2001 para Yale, para a universidade, para começar a dar aula dia 11 de setembro de 2001. Se vocês bem lembram, 11 de setembro é o dia do atentado às Torres Gêmeas. Então por isso que eu sei exatamente o dia em que eu ia começar a dar aula, porque eu fui para a universidade às 7:30 da manhã para dar aula, e quando eu entrei na minha sala, que eu dividia com uma professora indiana, ela falou: “Valter, você já viu que está acontecendo alguma coisa estranha? Não estou conseguindo entrar aqui no site do *New York Times*, está muito congestionado, parece que aconteceu um acidente em Manhattan”. Eu falei: “Acidente? O que aconteceu?”. E ela falou: “Não estou conseguindo”, porque à época a internet estava toda lotada

de gente tentando descobrir o que estava acontecendo. E aí eu liguei meu computador e, ao invés de acessar o *New York Times*, que é o que ela estava fazendo, eu acessei o *Jornal do Brasil*, que era uma das primeiras redes possíveis aqui no Brasil, e já tinha foto. Mostrei para ela e falei: “Um avião entrou por dentro de uma torre”. Era um só. E aí ligaram a televisão do *hall*, a gente se reuniu, e a gente viu, como todo mundo, ao vivo, o segundo avião entrando. Só que a diferença é que eu estava há uma hora e meia, duas horas, de onde aquilo estava acontecendo. Então várias das pessoas com quem a gente estava ali interagindo falavam: “meu marido está lá”, “minha mulher está lá”, “meu filho está lá”. As pessoas sem saber o que estava acontecendo. Porque muita gente trabalhava em Manhattan e morava em Connecticut. Porque é outro estado, mas é muito próximo, você pega o trem e vai para lá. Uma hora e meia, duas horas do que estava acontecendo. Tinha um professor de ciência política, hoje em dia é professor na Universidade de Pittsburgh, que era meu colega de graduação da UFF, e que estava lá nos Estados Unidos, José Antônio Cheibub, então eu liguei para José Antônio e disse: “Ze Antônio, o que eu faço?”. Aí ele falou: “Olha só, a ordem é ir para a sala de aula para dar aula. Porque ninguém sabe o que está acontecendo, parece ser um acidente”. E eu falei: “Tá bom”, fui. Era o primeiro dia de aula, eu cheguei lá. Era aula de pós, sei lá, oito alunos; tinha uma estudante, estrangeira, como eu, desavisada, que tinha aparecido. Todo mundo colado nas informações. Eu falei para ela: “Olha, hoje é a primeira aula, eu teria que apresentar o programa e tudo mais. A gente faz isso na próxima aula, vamos ver o que está acontecendo.” Então ela voltou lá para o dormitório dela, eu voltei para o departamento, a gente continuou conversando. As aulas foram suspensas, para ver o que estava acontecendo. Então minha experiência de começo de dar aula em Yale é “fantástica”. Mas a experiência de dar aula mesmo é fantástica.

Eu tinha por obrigação dar um curso na graduação e outro na pós. O primeiro na pós, o segundo na graduação, sobre *Brazilian Culture*. Eu fiz o *syllabus*, que é a ementa, o programa, e pensei - como é que faz com os textos?”. Bom, você separa o *syllabus*, separa os textos, manda para a livraria da universidade, a livraria da universidade separa todos os livros que você indicou, e separa em estantes. Você vai olhar a livraria da universidade, você vai passeando pela livraria, e aí tem “curso de *Brazilian Culture*”, e aí tem todos os livros ali que você indicou. Então você vai ver todos os cursos, todas as bibliografias que foram indicadas pelos seus respectivos professores. O que era capítulo vai para xerox da universidade — isso é na época, tá, gente —, que preparava a possibilidade de você entrar lá e falar assim: “Eu quero a xerox do curso tal”. Aí todos os textos eram copiados, xerocados, encadernados, você pagava e levava para casa. Enfim, coisas que eu não estava absolutamente acostumado na xerox aqui na vila do departamento, da pós-graduação, onde a gente tinha pastas em que a gente colocava as coisas. E os alunos também, a frequência dos alunos, a comunicação com os alunos, a possibilidade de, dentro da sala, ter televisão, videocassete, onde eu podia passar filmes e documentários.

Então quando eu cheguei à Universidade Yale, todas as salas tinham equipamentos à disposição, além de uma quantidade enorme de vídeos de acervo que eu podia conseguir. Então a experiência, o contato... Eu passei dois semestres em Yale, e foi fundamental como possibilidade de interação dentro desse sistema, que é um sistema absolutamente múltiplo, diverso, em que eu fui trabalhando. Então a minha experiência estrangeira vai principalmente por aí.

Maria Candida Vargas Frederico - Nós gostaríamos que você falasse um pouco mais do ambiente intelectual aqui da PUC, desde a década de 1980, de quando você entrou e de quando você retornou dessas experiências internacionais fantásticas.

Valter Sinder - É óbvio que não dá para separar, mas eu contei a história separada. Eu fui dar aula fora do país, fui dar aula aqui, fiz formação aqui. Eu sou professor em universidades desde 1982, mas eu estou na PUC desde 1987, inicialmente no quadro complementar. A década de 1980 é a década da abertura, então a gente vai ter uma modificação muito grande tanto no ambiente universitário como no tipo de organização de cursos. Então a troca de pesquisa, a troca interativa era muito grande. Quando eu fiz a graduação em fins de 1970, eu ainda tive colegas que desapareceram. Não de ciências sociais, mas eu me lembro do Diretório Central dos Estudantes. Meu irmão era cinco anos mais velho do que eu, tinha entrado na universidade antes – em 1973, , fazia parte do DCE e tudo mais, e a gente recebeu um recado lá em casa dizendo: “Olha, toma cuidado, porque ele tá se metendo onde não devia”. Quando eu entrei em 1978, as questões ali ainda eram o movimento estudantil, todas as questões muito fortes do que estava acontecendo, mas ao mesmo tempo estava chegando um número muito grande de professores jovens oriundos das pós-graduações. A gente brincava que na época você tinha que aprender Marx e Marx. Eu li o prefácio da *Contribuição à crítica da economia política* do Karl Marx no mínimo oito vezes, porque todo período entrava alguém e falava: “Leitura obrigatória”. Aquilo ali, sabíamos todos quase que de cor, porque todos nós líamos, discutíamos aquilo. Era importante, era fundamental, mas da mesma maneira a gente começa a receber literatura e discussões diferentes.

Há uma transformação não só no ambiente intelectual do Brasil, mas no ambiente das ciências sociais e ciências humanas de maneira geral. Em 1973 Michel Foucault veio aqui na PUC. Ele vai dar uma série de conferências que acaba se transformando num livro chamado *A verdade e as formas jurídicas*. Em 1973, ele veio a convite do Departamento de Literatura, que era Affonso, Luiz Costa Lima, Silviano Santiago não sei se já estava aqui, mas eu acho que sim; uma porção de gente que começava a introduzir uma literatura e um tipo de discussão que vai, ao mesmo tempo, se colocando e se tornando presente junto a uma atividade política. Então quando eu entro para dar aula na graduação em 1987, já é diferente; quer dizer, de 1980 para 1987 a modificação é muito grande, nós trazíamos e encontrávamos todo um ambiente que estava ainda muito perpassado por questões estritamente políticas de contra a ditadura, mas ao mesmo tempo colocava outras possibilidades.

Eu me lembro, isso é uma coisa engraçada, mas na graduação ainda era isso, em 1980, 1981, a gente tinha um curso que era Marx e Weber. E aí o professor de ciência política entrou e deu Marx, Marx, Marx, até que um dia eu não aguentei e falei assim: “Escuta, tem um tal de Weber aqui que eu não sei direito quem é, e a gente vai ver. Quem é esse cara?”. Aí quase fui apedrejado pela turma. “Aquele reacionário quer ver Weber, como assim!” Eu falei: “Gente, é um curso de ciências sociais, eu gostaria de conhecer um pouco a obra desse outro autor”. Na aula seguinte ele falou: “Valter tem razão, vamos ler Weber sim”. O tempo todo a gente lia uma determinada bibliografia, mas não por acaso; a condição política da época, o que estava acontecendo, os livros que eram permitidos e não eram permitidos, o que tinha traduzido, o que a gente tinha acesso. Não tinha internet para nada disso. A gente lia *O capital* à época na tradução em espanhol, não tinha tradução em português. A minha geração leu muito uma autora chamada Marta Hanecker, *Conceitos fundamentais do materialismo histórico*, que era uma “popularização” no Chile da teoria do materialismo histórico, que era um livro muito curioso, porque era assim: ele apresentava, segundo a autora, os conceitos fundamentais, e no final tinha um questionário para ver se você tinha aprendido bem a doutrina, era muito curioso. Mas a gente lia na bibliografia Louis Althusser, Nicos Poulantzas, ou seja, eram outros marxistas que vinham se colocando com outras teorias. Eu acho que a minha geração vai passar por isso, por essa transformação.

Isso em termos de sociologia e de política; na antropologia, por exemplo, eu dei a sorte de na época em que eu entrei na faculdade está sendo traduzido, em 1979, o livro do Marshall Sahlins que se chama *Cultura e razão prática*. Marshall Sahlins, um ex-antropólogo marxista que nesse momento vai se voltar para refletir a partir do estruturalismo. Então é um momento de passagem, é um momento de introdução, de abertura muito grande, de diversificação. O ambiente de troca era ainda muito grande.

Quando eu chego à PUC como professor, com formações absolutamente diversificadas, mas com um grupo de pessoas que chegava cada vez mais na universidade de maneira geral com um projeto não só político, mas político-acadêmico. O curso aqui era estruturado de uma maneira absolutamente rígida, e a gente começa a pensar na possibilidade de reestruturar. Então isso foi em 1987, o diretor do departamento à época era Gisálio Cerqueira Filho, cientista político, que era professor também da UFF. Ele ficou durante algum tempo, mas ainda com esse currículo que era muito engessado. Gisálio acaba saindo, entra um antropólogo formado no Vaticano, que era padre, o Padre Agostinho Castejón Garcia S.J, que vai virar diretor do departamento. Padre Garcia era diretor, nós éramos jovens professores do quadro complementar; quando eu falo “nós” sou eu, Sônia Giacomini, Maria Sarah da Silva Telles, Eduardo Raposo – alguns outros professores - todos nós professores do quadro complementar e pouquíssimos professores do quadro principal. Então eu vinha para cá para dar uma aula e ia embora, eu tinha uma turma ou duas turmas, com pouca participação inicialmente no departamento. Padre Garcia vai falecer enquanto era diretor do departamento, e quem assume é a Lélia González. A PUC sempre teve,

desde o momento em que eu entro, eleição para direção do departamento, feita por professores, funcionários e alunos. A gente consegue que a Lélia seja eleita, ela entra como diretora do departamento, e nós começamos a propor a possibilidade de um novo Departamento de Sociologia e Política, que era como se chamava aqui, e principalmente a partir de nós, que éramos a maioria, que eram professores do quadro complementar, e principalmente através da comissão geral da PUC.

A PUC tem essas instâncias que são superimportantes, que foi uma conquista anterior, onde as questões aqui são decididas por colegiados. Existe a comissão geral, você vai para conselhos departamentais, você vai para a comissão departamental do centro, depois você vai para a unidade, todas as decisões são colegiadas, e um colegiado vai referendar o que está acontecendo junto ao outro, dando uma autonomia muito grande a quem está trabalhando na universidade. É uma universidade que tem um sistema que continua assim hoje em dia, é fundamental a manutenção das decisões colegiadas e negociadas ao mesmo tempo. Nenhum professor é contratado sem que passe primeiro por uma filtragem de um departamento, que hoje em dia é através de concurso; que depois vá para uma comissão de carreira docente; que a comissão de carreira docente leve à comissão geral; que a comissão geral leve à comissão de carreira docente e setorial. Ela vai sendo aprovada de maneira geral, e não só as admissões devem ser feitas assim, mas as demissões também. Ninguém tem autonomia para demitir um professor que não seja referendado e passível de ser contestado. Então as coisas são feitas de maneira colegiada, e isso dá uma característica à PUC que é genial. Eu sempre gostei muito de trabalhar aqui, entre outras coisas, por essas condições. Mas, enfim, a PUC propicia esse ambiente, e interconexão com os outros departamentos.

Em 1992 Padre Garcia morre, Lélia assume, vira diretora do departamento. Ao redor de 1990, o vestibular de acesso às ciências sociais é fechado pela PUC. A gente não tinha mais aluno. Então o que estava acontecendo é que nós estávamos formando os últimos alunos de ciências sociais, tudo levava a crer que acabaria o curso de ciências sociais na PUC, e nós seríamos prestadores de serviços de Introdução à Sociologia, Política, Antropologia, para os vários departamentos; com uma pequena coordenação, mas o curso acabaria. Nós conseguimos articular, ainda com a Lélia como diretora do departamento, um novo currículo das ciências sociais. Formamos um grupo de trabalho com a Sônia Giacomini, Eduardo Raposo, Maria Sarah da Silva Telles, Reginaldo di Piero e a Lélia González. Eu fui para o conselho departamental para defender a nossa proposta de um novo curso de ciências sociais para o colegiado aprovar a abertura do vestibular para 1994. A aprovação para esse vestibular era dentro de uma proposta à época absolutamente inovadora, porque nenhum curso de ciências sociais tinha isso, que era uma proposta de interdisciplinaridade.

Então a gente consegue apresentar como proposta a possibilidade de ter um núcleo formativo básico das ciências sociais, os alunos seriam obrigados a fazer sociologia, ciência

política, antropologia, e métodos de maneira geral, mas que o aluno pudesse à sua escolha decidir por cursos eletivos que direcionavam para onde ele quisesse; ou por cada uma das três áreas, ou por tema. Então o nosso aluno podia pegar uma quantidade de cursos que a maioria dos outros alunos não podia, e cursar, por exemplo, eletivas que faziam parte da sua formação depois do básico. Por exemplo, em direito, se quer juntar sociologia com direito, política com direito, ou literatura, ou fazer uma introdução à informática, ou fazer línguas, então a gente podia ajudar. O curso era um curso com poucas pessoas, a gente tinha orientação para os alunos, onde cada um, ao mesmo tempo em que tinha uma formação básica, tinha a possibilidade de fazer um direcionamento voltado para as questões que gostaria de trabalhar.

A gente abriu o vestibular. A Lélia González faleceu em 1994, houve a designação pela reitoria de uma diretora *pro tempore*, que foi a Maria Sarah da Silva Telles, ela ficou seis ou oito meses como diretora. Sarah, Sônia e eu éramos professores do quadro complementar, então aumentaram a carga horária dela, o Eduardo e o Reginaldo não eram do quadro complementar, acho que eles já entraram direto no quadro principal. Nós juntos defendemos essa nova proposta de curso e conseguimos ir para mídia quando Fernando Henrique Cardoso foi eleito presidente do Brasil. Para nossa sorte era um sociólogo chegando à presidência! Mais mídia do que isso, impossível. Quer dizer, impossível, não. A esposa do Fernando Henrique Cardoso é antropóloga, a Ruth Cardoso. Então a gente estava na mídia! “A gente” significa as ciências sociais. Em 1994 abrimos por volta de 25 vagas, com medo de não conseguir porque a PUC nos disse o seguinte: “Tudo bem, está aprovado o curso de vocês. Agora vocês têm que conseguir aluno!”. Então a gente começou a tentar divulgar, tentar fazer aparecer e tivemos 50 alunos aprovados. A PUC pergunta para a gente: “O que vocês querem fazer? Vocês têm 25 vagas, o que vocês querem fazer?”. A gente fala: “A gente quer os 50 alunos”. “Como?” e dissemos: “A gente vai dar curso de manhã e à tarde”. Abrimos a primeira turma, que era de manhã, e à tarde, duas turmas.

Após Sarah assumir como diretora *pro tempore*, houve uma eleição para o departamento, na qual eu concorri e me tornei diretor do departamento. Então eu fui o primeiro diretor do novo departamento. Na época éramos duas pessoas, eu e o professor Reginaldo de Piero, com propostas diferentes. Para você ter uma ideia, a eleição simplesmente é uma indicação, assim como quando você chama um professor, mesmo depois de passar por todos os órgãos colegiados, quando chega lá no final, o Reitor precisa ratificar, e o conselho universitário, e tudo mais. Para a direção do departamento é a mesma coisa. Então aqui enviamos uma lista tríplice, na época uma lista dupla, eu e o Reginaldo. Nunca ouvi falar de não aceitação pela Reitoria daquele que foi escolhido, mas é uma indicação, e então é nomeado, nomeado como diretor do departamento pelo período de dois anos, possível ou não de recondução por mais dois anos, de acordo com a vontade da reitoria, departamento e da pessoa que está ocupando.

À época a quantidade de alunos que tinha aqui, veja bem, o curso estava para fechar, eram pouquíssimos alunos, dois ou três funcionários, e pouquíssimos professores. Então como fazer

uma eleição e também ponderar os votos para saber quanto valia cada voto, porque não era simplesmente contando de maneira universal, então se fazia a ponderação. E à época foram feitas duas ponderações diferentes, uma dava vitória para mim, a outra vitória para o outro candidato. Era óbvio, porque a gente sabe que na estatística a gente pode ponderar e usar as variáveis da forma como quiser, e dar pisos e atribuir de formas diversas, então ambas as contas estavam corretas - teoricamente. Isso foi mandado para o Reitor em janeiro de 1994. Eu estava de férias, o Reitor Padre Laércio Dias de Moura S. J. mandou me chamar e perguntou o que eu pretendia se eu fosse escolhido como diretor do departamento. Eu coloquei para ele: “Olha, eu estou na PUC há algum tempo, eu fiz parte da reformulação do currículo, a minha ideia é a possibilidade de implementar esse currículo, trabalhar e recolocar”, e é isso. Ele falou: “Tá bom, muito obrigado”. Mandou chamar, eu suponho, o outro candidato e conversou com ele.. Passados dez dias, me ligaram falando: “Professor, o senhor foi nomeado diretor do departamento”. Eu: “O quê?!”. “Padre Laércio te nomeou diretor do departamento.” E eu falei: “Tá bom”. Então eu virei diretor do departamento em 1995 e 1996.

O vestibular foi 1994, em 1995 foi a primeira turma, em 1995 e 1996 eu fui diretor do departamento, quando a gente começou nessa loucura de reimplantar o departamento, em que a gente vai oferecer turmas de manhã e à tarde, com uma nova proposta curricular, com uma nova tentativa de inserção e de captação de professores qualificados. A gente começou a tentar que todos os nossos colegas viessem para cá, para essa nova proposta, para implementar esse novo currículo que se colocava. O meu prêmio pela intensidade que foi 1995-1996, como diretor do departamento, foi sair em 1997 para fazer pós-doc. A PUC me liberou em 1997 - foi um sabático. Nesta época, se eu não estou enganado, eu era o mais novo professor do departamento, e não só era o mais novo como eu era o único já com doutorado completo. O meu nome era um nome que passava tanto entre os professores do departamento, os alunos, como junto aos nossos colegas do CCS, porque o Centro de Ciências Sociais tinha que referendar, ou seja, os outros departamentos: História, Economia, Comunicação etc., e a nossa relação com os departamentos aqui da PUC é muito boa, porque a gente se conhece, a gente se frequenta, a gente troca.

A ideia de universidade aqui na PUC se realiza de uma maneira muito interessante. O campus é um só, ele tem um limite, os departamentos estão ao alcance de todo mundo, a Reitoria está ao alcance de todo mundo, o diálogo é aberto, de maneira geral, com os departamentos e com todas as instâncias nas quais você está se colocando, então as coisas se resolvem de uma maneira muito mais rápida do que numa estrutura em que você tem uma dificuldade burocrática, administrativa, do que está acontecendo. Se me perguntam: “Ah, por que você virou diretor?”. Eu virei o diretor por uma série de acasos, contingências. Inclusive foi nesse momento que eu passei do quadro complementar para o quadro principal. Para virar diretor do departamento. Sarah passou, Sônia passou, Eduardo já estava, e eu não me lembro de mais ninguém do quadro principal. Então nós éramos quatro pessoas tentando implementar um

departamento e fazendo um vestibular, preparando as coisas. Meu filho caçula nasceu em novembro de 1994, então ainda por cima eu tinha um recém-nascido dentro de casa. Então era uma modificação geral. Eu sou de Niterói, eu vinha de Niterói para cá diariamente.

Em 1997, quando eu saí, Eduardo Raposo torna-se diretor do apartamento. Quando eu volto, logo depois, eu viro coordenador da graduação. Eu volto em 1998 e assumo a coordenação da graduação do departamento de 1999 até 2001. Fui coordenador durante todo o tempo do Eduardo Raposo, depois fui coordenador quando Sônia Giacomini assumiu. Éramos Sônia e eu em 1995, 1996, eu era diretor do departamento, Sônia era coordenadora da graduação. Nós éramos muito poucos, então era uma divisão entre “quem vai assumir o quê”, “quem vai fazer o quê”. É um projeto que aos poucos a gente foi desenvolvendo, com o projeto de também não só firmar o departamento, mas firmar a possibilidade de uma pós-graduação. Quando Eduardo Raposo assume, ele vai levar isso à frente, essa nossa tentativa.

Maria Candida Vargas Frederico - Você acompanhou o processo de criação do PPGCIS PUC-Rio, como foi? O programa nasceu de dois eixos temáticos: “desigualdade social, econômica e política no Brasil contemporâneo” e “diversidade cultural no Brasil”. Quais os motivos dessa escolha?

Valter Sinder - Então, antes de falar da criação do programa de mestrado *stricto sensu*, a minha lembrança é do nosso curso de especialização Sociologia Política e Cultura. A PUC já teria o CCE, oferecendo cursos de extensão e educação continuada, e a gente criou esse curso e durante muito tempo era quase um balão de ensaio das nossas possibilidades. A grande diferença da especialização é ser um curso pós-graduado, mas sem obrigação de dissertação ou tese. Você pode até propor um trabalho de final de curso, mas a carga horária é diferente, a formação é diferente. Então a gente começou a conversa sobre a possibilidade de criação da pós-graduação, e é o seguinte: a PUC é uma universidade que prima não só pelo ensino de graduação, mas de pesquisa. E ensino de graduação e de pesquisa cada vez mais implicava a existência de uma pós-graduação. Então nós começamos a ser cobrados e nós começamos a nos cobrar a possibilidade de formar uma pós-graduação, e as conversas começam a acontecer. Bom, quem somos? O que estamos fazendo aqui, qual é a nossa formação? Como tinha sido criada em 1995 a primeira turma de graduação, significa que a gente já estava formando a primeira turma nesse novo currículo. Então no momento em que a gente estava integralizando essa primeira turma, as conversas cada vez mais se tornaram, quer dizer, o curso voltou a existir, a gente conseguiu botar aqui para dentro uma quantidade de alunos que justificava completamente a nossa existência, porque isso era fundamental — porque a gente tinha saído de um momento em que o curso ia ser fechado, para o momento de a gente propor uma novidade.

Mas o fato é que a gente conseguiu manter a nossa primeira turma, conseguiu fazer um novo vestibular, conseguiu aos poucos abrir vestibulares em meio de ano, para a gente era fundamental ter dupla entrada, porque quanto mais número de alunos a gente tivesse, melhor.

E a nossa estrutura de currículo era uma estrutura de currículo que, por ser interdisciplinar, possibilitava não só a formação dos nossos alunos, mas a captação de alunos de outros cursos que vinham fazer cursos com a gente, que é o que acontece até hoje. Na área de antropologia, por exemplo, a gente sempre oferece um curso que é *best-seller*: Antropologia da Arte, Antropologia da Música, Antropologia do Corpo. Quando eu falo que é *best-seller*, é o seguinte: todo semestre algum outro departamento da PUC pede que a gente dê porque os alunos deles têm interesse em fazer esses cursos. Então a gente tem a possibilidade de oferecer esses cursos. Eu estou falando da área de antropologia porque eu fui coordenador de graduação por muitos anos, e depois eu deixei de ser coordenador de graduação e virei o que eu sou até hoje, coordenador da área de antropologia. Então toda a reflexão sobre quais cursos vamos oferecer é feita entre nós. Nós é que vamos ver o que tem que ser dado para os alunos poderem se formar, mas o que serve também para a formação universitária da PUC. Então a gente conseguiu costurar o que de certa maneira andou em direção à proposta da pós-graduação.

Começamos a perceber quem somos, quem é que está aqui, de onde a gente veio. Da pós-graduação, a grande maioria passou no mestrado ou no doutorado por formação no Museu Nacional ou no antigo IUPERJ. Então nós todos éramos formados a partir dessas instituições, essas duplas experiências da pós-graduação, que eram pós-graduações de sucesso de mestrado e doutorado. Então, começamos a perceber: “Bem, no que a gente deve pensar primeiro? Pensar cidade, pensar Brasil, pensar o pensamento social brasileiro? Como é que a gente consegue pensar a sociedade, pensar o Brasil? Nós temos uma possibilidade de pensar isso, qual é a área temática que vamos colocar?”. E ao mesmo tempo a gente vai andar junto com a formação dos cursos de ciências sociais em nível de mestrado, porque anteriormente, quando eu fiz pós-graduação, não existia a pós-graduação em ciências sociais. A pós-graduação era sociologia, política, ou antropologia. Então a maioria de nós que saiu formado mestre ou doutor dessas pós-graduações vai ocupar espaço dentro das universidades, e somos cobrados aqui na PUC de maneira especial para a implantação de pós-graduações. E nós vamos fazer isso, mas nós não somos somente sociólogos, antropólogos e cientistas políticos, e a nossa graduação é o nosso marco, que é fundamental, até hoje.

O fato de a gente ter uma pós-graduação em ciências sociais é que ela está de acordo com a graduação. O que muitas pós-graduações hoje são cobradas já há algum tempo é: “Qual é a relação de vocês com a formação da graduação?”. Já isso era algo para nós que era natural, porque nós partimos da nossa graduação e dos nossos professores e criamos esse curso. Então a questão era Brasil. Tem outra coisa: nesse momento a gente já tinha captado vários professores “jovens”. Então os nossos professores jovens que vieram sendo incorporados na sociologia, na política, na antropologia, aos poucos entravam, como a maioria de nós, no quadro complementar, e aos poucos a gente conseguia mostrar para a PUC a necessidade da oportunidade de ter esses professores incorporados para ajudar não só na graduação como na pós-graduação.

Então nós começamos a formar esse primeiro curso, e a minha lembrança é que a gente tinha dois cursos obrigatórios: Teorias do Brasil I e Teorias do Brasil II, porque era uma pós-graduação em ciências sociais, mas voltada tematicamente, como não podia deixar de ser, para o Brasil. No meu caso especial, eu participava por muito tempo do grupo de Pensamento Social Brasileiro da ANPOCS, então em cada um de nós, havia uma entrada interessante. E o corte, a gente não podia ter um corte só sociólogos e cientistas políticos de um lado, antropólogos de outro. E a gente acabou cortando por área temática: como é que a gente vai pensar o Brasil? “Ah, a partir das suas desigualdades e diversidades”. Algo mais amplo do que isso é até difícil de se colocar. Mas é óbvio que todos nós trabalhamos juntos, quer dizer, não tem como pensar a diversidade cultural sem pensar a desigualdade e vice-versa. Qualquer um de nós que é cientista social sabe disso, as áreas se interseccionam. Então a ideia da interseccionalidade tem que estar presente não só como área temática, mas como tipo de pesquisa na qual a gente vai se colocar. Primeiro, na pós-graduação, a gente conseguiu a aprovação do nosso mestrado, isso é todo um processo burocrático, difícil, de negociação, primeiramente interno — porque a formação de qualquer pós-graduação não só tem que ser aprovada internamente como externamente.

Inicialmente você tem que se adequar as propostas, e apresentar algo, ainda tem isso: o número de cursos de pós-graduação em ciências sociais ou sociologia, antropologia ou ciência política que já existia na cidade do Rio de Janeiro era muito grande, então a gente tinha que mostrar por que o nosso tem uma especificidade, uma singularidade, e merece ser criado. O que significa ser reconhecido, ser avaliado, ter bolsas, ter pesquisas e tudo mais, porque nós temos um corpo docente qualificado, porque nós temos uma procura específica para esse corpo docente para a área de pesquisa na qual a gente está se colocando. Então a gente teve que mostrar isso para a PUC, apresentar o projeto, negociar o projeto, pensar não só nas disciplinas, mas nas áreas temáticas, aprovar isso aqui internamente, mandar para Brasília, em Brasília entrar num diálogo na tentativa de aprovar isso junto a CAPES, e, finalmente, conseguir uma aprovação. O mestrado começou em 2005 e criamos o doutorado em 2008. É isso, em 2005 a gente forma a primeira turma, faz a primeira formação, e em 2008 a gente consegue fazer uma proposta de doutorado.

Em 2004 a gente convida o Roberto DaMatta para vir fazer parte do nosso programa. O convite fui eu que fiz, porque eu tinha trabalhado com o DaMatta o tempo todo, desde a época de mestrado até depois na minha banca de doutorado. O Roberto DaMatta se torna à época na antropologia um nome mais do que conhecido, não só dentro das ciências sociais, mas fora, pela difusão da antropologia. Os livros mais citados nas ciências sociais eram os livros que o DaMatta escrevia. Primeiro ele escreve *Carnavais, malandros e heróis* (1979) e se torna muito conhecido. Roberto DaMatta foi professor nos Estados Unidos, na Universidade de Notre Dame, e continua fazendo pesquisa e pesquisando o Brasil, e falando de Brasil, desdobra o livro dele que era estritamente acadêmico para *O que faz o Brasil, Brasil* (1984) ou *Conta de mentiroso* (1993), que são pequenos ensaios e artigos porque são derivados daquelas questões que ele vem colocando e

tudo mais. A UFF organiza um evento de 20 anos de *Carnaval, malandros e heróis*, eu sei porque me chamaram e eu publiquei um artigo³ sobre essa celebração. Então a gente estava sempre em conjunto, e meu contato com o DaMatta era constante. O acolhimento quando eu fui fazer a bolsa sanduíche nos Estados Unidos a convite dele, o acolhimento dele e da esposa, Celeste, nos Estados Unidos foi fundamental. Era “meu pai e minha mãe” ali emprestados; na verdade, a Celeste falava que eu era o filho mais velho dela. Brincava comigo, porque eu sou mais velho do que os filhos deles. Falava: “Ah, é meu filho mais velho”, porque eles realmente foram de uma generosidade, de um acolhimento, de uma coisa impressionante. O que significa o seguinte: a gente se tornou amigo, então não só uma relação profissional, mas a amizade permanece até hoje, sempre nos comunicando, sempre nos falando, e ele ao colocar o desejo de se aposentar nos Estados Unidos e de voltar para o Brasil, surgiu a possibilidade quando ele começou a falar. “Bom, aonde? O que você vai fazer, para onde você vai?” Existia a possibilidade, isso foi negociado aqui dentro, à época que o nosso vice-reitor acadêmico era o professor Danilo Marcondes, da Filosofia. Então eu me lembro de sair para conversar, saíram eu, Danilo, DaMatta e Everardo Rocha, professor da Comunicação, também formado em antropologia, ex-orientando do DaMatta, e fomos conversar sobre as possibilidades da inserção dele aqui.

Eu me lembro da nossa primeira avaliação da CAPES no doutorado, a gente tinha como contar com um nome de muito peso. Então a possibilidade de a gente ter o DaMatta aqui, e ele veio para cá para ser professor do nosso quadro principal, significava que ele não veio só para a pós-graduação, ele era nosso professor na graduação e na pós-graduação. Logo quando ele chega aqui, ele inicia o curso que até hoje é importante, mas quem está dando agora é a professora Patrícia Baptista Coralis, que é antropóloga, que se chama “Sociedade, Cultura e Cinema”. Roberto DaMatta separava filmes por temas fundamentais para pensar alguma questão, por exemplo, diversidade cultural, violência; separava uma bibliografia, e via o filme junto com os alunos, e discutia cortes temáticos. Foi a primeira vez que eu vi alguém da antropologia fazendo isso, e não é que ele inventou, ele fazia isso lá em Notre Dame. Ele é um cinéfilo, Roberto DaMatta conhece muito cinema, gosta muito de cinema, então sempre mostrou filmes, sempre colocou, e isso aí era mais um *point* para nossos alunos e para os outros alunos da PUC. Então ele dava aula, orientava monografia, orientava dissertação e tese. Chegou aqui jovem, iria fazer 70 anos. Então, quando eu falo jovem, DaMatta foi professor nosso por quase vinte anos, já aposentado da Universidade de Notre Dame, já aposentado do Museu Nacional, do qual ele fez parte desde o momento da criação da pós-graduação. Se eu não estou enganado, Roberto DaMatta foi o primeiro coordenador do PPGAS, jovem também, muito jovem quando se criou o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, criado pelo Roberto Cardoso de

³ SINDER, V.. The Nation's Borders and the Construction of Plural Identities: Carnivals, Rogues and Heroes or Roberto DaMatta and the In-between Place of Brazilian Culture. Brazil 2001: A Revisionary History of Brazilian Literature and Culture, University of Massachusetts, v. 4, 2001.

Oliveira, quando ele volta dos Estados Unidos. Aí ele tem que lembrar suas histórias e tudo mais, mas eu conheço bem, não só essa história, porque eu já entrevistei o Roberto DaMatta sobre isso. Porque ele é uma memória, assim como vários outros, da criação da antropologia no Brasil, onde ele vai falar de Roberto Cardoso de Oliveira, Darcy Ribeiro, de seus colegas, Roque Laraia, Julio Cesar Melatti, Alcida Rita Ramos - entre outros. O Roberto Cardoso de Oliveira já morreu algum tempo atrás, que era o primeiro, o Darcy também, mas eles são quem vão institucionalizar as ciências sociais nos programas de pós-graduação.

Então a possibilidade de a gente ter o Roberto DaMatta aqui foi fundamental, tanto para nos fortalecer internamente, junto à PUC de maneira geral, mas externamente. As pessoas olhavam: “Quem é o corpo docente ali?”. Jovens pesquisadores, nós, e outros que aos poucos foram chegando, nós fomos incorporando, e a história vai continuando. A gente consegue propor o doutorado, formar o doutorado, ter as primeiras teses sendo defendidas, e aí virar algo que está sendo completado. Quando a gente criou o doutorado, eram poucos os departamentos que não tinham doutorado aqui na PUC. Então a exigência à época não era só ter pós-graduação. Eu me lembro de que, logo depois que o DaMatta chegou, eu fui junto com ele, num convite de apresentação ao reitor, que era o Padre Jesús Hortal Sánchez S. J. Todos os reitores da PUC são doutores, não só eles são jesuítas como são doutores. Então o reitor era formado em Salamanca. Fomos conversar, eu o apresentei, e claro que ele conhecia o professor Roberto DaMatta, mas de cara o Padre Hortal disse - ele era muito objetivo: “Vocês têm que criar um doutorado”. Eu fiquei: “Calma, Padre Hortal, calma; nós estamos criando”. Porque na PUC todos os seus cursos têm que ter doutorado. Não era só para ter, porque isso aqui é uma universidade de ensino, de pesquisa, desenvolvimento e inovação etc., então faz parte. Então, criem o doutorado. Tinha essa exigência muito clara colocada pela PUC. A PUC é uma universidade que tem essa vocação, completamente, de ensino, de pesquisa e desenvolvimento de atuações. Então a vinda dele para cá foi fundamental para nos ajudar, e depois todos os outros professores que nós fomos conseguindo incorporar. Hoje em dia a maioria está se aposentando, infelizmente alguns faleceram. Mas a gente está conseguindo agora entrar num projeto de rejuvenescimento e continuidade dentro do departamento.

Maria Candida Vargas Frederico - Com suas quatro décadas de docência, uma vasta experiência em orientações, como você percebe hoje as dinâmicas próprias da sala de aula e os interesses novos que aparecem?

Valter Sinder - É, se eu for colocar desde o momento que eu virei professor... porque você vira professor aprendendo dentro de sala de aula. Muito você espelha ou não quer espelhar. Muito do que você gostou ou do que não gostou é muito do que você aplica consciente ou inconscientemente na sua forma de trabalhar, de ensinar. Minha formação já na graduação foi muito marcada mesmo por vários professores que foram fundamentais na minha formação. Eu tenho lembrança clara de quem foram meus professores de Introdução à Sociologia, Antropologia,

e à Ciência Política; os cursos que me eram dados, e ao mesmo tempo de uma dinâmica — isso era UFF em finais de 1970 e início de 1980 — onde tinha uma ebulição política muito grande, mas tinha também uma ebulição de vontade de saber e de chegada de novos autores. Eu tive a sorte de na UFF ser aluno de professores que não eram do meu departamento, fui aluno de curso deles, mas também de grupo de pesquisa deles: um é Clause Abreu, que é um dos grandes responsáveis pela colocação do Michel Foucault aqui no Brasil, e outro é Claudio Ulpiano, um dos grandes responsáveis pela colocação de Deleuze. Então eu sou apresentado às novidades por dois professores fundamentais, fantásticos, dos quais eu fui aluno e fiz grupo de estudo com eles. Eu me espelhei muito, muito nessa formação. E vários colegas que faziam parte desses grupos de leitura e que hoje estão na academia são meus colegas de graduação. A maioria de nós permaneceu e deu continuidade, cada um dentro de um determinado lugar.

Meu primeiro choque, minha primeira experiência como professor, foi sendo professor de Introdução à Sociologia no curso de Direito da Universidade Cândido Mendes. Eu ia fazer 24 anos e dava aula para uma turma de quase 100 alunos na Cândido Mendes da Praça XV. Eu entrava ali e levava um susto, eu era muito jovem, deixei minha barba crescer para parecer mais velho. Hoje eu posso me lembrar disso, a maioria dos alunos no mínimo tinha a minha idade ou um pouquinho mais novo, mas a maioria era mais velha. Eu tenho lembranças curiosíssimas de entrar em sala para dar aula, e chegar para o aluno e falar assim: “Escuta, você quer, por favor, não entrar mais na minha sala armado?”. Porque muitos eram delegados, ou pessoas que queriam virar delegados, eram policiais. Para você virar delegado, você tem que ter um bacharelado em Direito. Então eu falava: “Olha só, eu não me sinto à vontade com você com essa arma aqui na frente”. Mas todo mundo muito tranquilo. Eu gosto de brincar com uma coisa que me aconteceu à época. A gente estava em Niterói — quando eu falo “a gente”, digo eu e minha namorada, Vania, de carro, indo para Jurujuba —, e aí vem um carro da polícia, um camburão, cortou a gente, parou... em 1983, talvez. Eu levei um susto e falei: “Polícia”. Aí parei o carro, né, a polícia desceu, e tudo mais. O policial sai lá de dentro e diz: “Professor!!!”. Eu falei: “Caramba, cara, você vai me matar do coração!”. Eu achei que era uma batida policial, e não, era um aluno meu da Cândido Mendes que veio falar comigo, desceu do camburão. Então a primeira experiência foi muito boa, de um choque de você ter que dar aula que não era para o curso de ciências sociais, que era uma Introdução à Sociologia, na qual você tinha que dar uma introdução para capacitar alunos que iam fazer aquilo, e aos poucos, aos trancos e barrancos, eu fui aprendendo ali na marra a lidar com aqueles alunos.

Então de 1982 até 1986 eu fui professor de Introdução à Sociologia na Universidade Cândido Mendes. Ainda no final de 1982 eu virei professor de antropologia na Faculdade da Cidade (antigo CUP – Centro Unificado Profissional), que já era um público completamente diferente, mas não era ciências sociais. Então a gente dava cursos de Introdução à Antropologia para Comunicação, para Turismo, eu não me lembro mais as formações. Só quando eu vim para a PUC

é que eu comecei a dar aula de antropologia para ciências sociais, o que é muito diferente. Não só há uma diferença entre você dar aula para a formação específica, como os alunos têm interesses diversificados. Eu aprendi, entre outras coisas, que eu não posso pegar um único curso e dar Introdução à Antropologia para qualquer aluno. Há outras maneiras de você fazer, de ensinar antropologia, que cativa ao mesmo tempo os seus alunos, que entendam os cânones e tudo mais, mas que tenha também um apelo para pessoas que vêm de outras formações, para que eles entendam por que estão fazendo aquilo ali e como que eles podem se ligar a antropologia. Mas isso eu estou falando da década de 1980, então não só os alunos eram outros, os interesses eram outros, mas a disponibilidade de textos, temáticas, eram outras, e a gente estava trazendo coisa muito nova para cá — “para cá” quando eu falo é da universidade —, porque nós éramos professores que éramos formados em pós-graduação.

A carreira acadêmica de professor, a carreira mesmo, começa assim: professor auxiliar, assistente, adjunto, hoje em dia associado, depois titular. O que é exigido para ser um professor auxiliar é que você tenha a graduação, mas hoje em dia quase não se abre mais concurso para professor auxiliar, porque todo mundo é doutor. Quando eu falo “todo mundo” é porque existe uma quantidade de alunos de doutorado enorme, então você abre curso, concurso para pessoas que já tenham doutorado. Às vezes vão fazer até concurso para professor assistente, que só precisa do mestrado, os mestres podem se candidatar, mas os doutores vêm fazer. Os doutores vêm fazer porque hoje em dia a quantidade é muito grande. Quando eu comecei minha carreira não era isso, por isso que eu comecei tão cedo, óbvio. Eu entrei, eu fiz concurso para UERJ em 1989, onde eu era mestre, era concurso para professor assistente.

Então o que vai acontecer é que a experiência docente vai mudando. Os alunos vão se modificando, as temáticas vão se modificando, nós vamos recebendo alunos com interesses absolutamente diversos cada vez mais, e a PUC tem uma peculiaridade que é muito grande: hoje em dia você tem ação afirmativa dentro das universidades, que existe há 20 anos. A PUC já tinha algo nesse nível há muito mais tempo, desde 1994. Quando eu fiz vestibular, eu confesso que eu não pensei na PUC. Primeiro porque eu era de Niterói, então eu queria a UFF, ou queria a UERJ, queria UFRJ. Na época em que a gente fazia vestibular, o vestibular era o seguinte: você colocava as opções de universidades, você pegava a carreira e depois as opções. Então se eu quero ciências sociais, qual é a primeira opção? Eu colocava UFF no primeiro semestre, UFF no segundo semestre; UFRJ primeiro, UFRJ segundo; UERJ primeiro, UERJ segundo. E podia colocar a PUC, eu não me lembro de ter colocado porque eu falava que não queria, porque lá é outro mundo, “não quero ir para a PUC”. Era o conhecimento, o estereótipo do que era a PUC. A PUC sempre foi uma universidade voltada para um determinado público, mas que sempre teve uma preocupação gigantesca de abrir as portas para captar, para ser um ímã de possibilidade e diversificação de alunos e professores. Então a PUC, eu já estava aqui, faz um convênio à época do primeiro vestibular para negros e carentes. Quem fez foi o Frei David Raimundo dos Santos,

eu o conheci, e o legal é que é um programa para incluir pessoas. Mas o programa não era só assistencialista, consistia em um número de bolsas após o vestibular para poder sustentar esses alunos estudando. Então Frei David falou: “Ah, é, ótimo, nós temos um programa para capacitar essas pessoas a fazerem o vestibular”. E a PUC disse: “Ótimo. Querem nossos alunos para ajudar?”. Tanto que vários de nossos alunos depois viraram professores dentro dos chamados vestibulares comunitários.

A PUC é absolutamente inovadora, os cursos começaram cada vez mais, muito antes das políticas públicas de ação afirmativa, começaram a captar de uma outra maneira, e cada vez se abriam mais as possibilidades de inserção de um público mais diverso do que aquele que inicialmente podia vir para cá. A mensalidade era muito cara, as bolsas eram parciais, que eram divididas em porcentagens do pagamento ou, como é para a maioria de nós que têm filhos, no meu caso, existe um acordo sindical para que os filhos de professores e funcionários estudem com bolsa aqui dentro, é um direito. A PUC opera exatamente com a possibilidade de fazer o seguinte: tem um determinado curso em que a entrada de bolsistas é muito pequena; sei lá, engenharia, economia, e esses alunos são quase todos pagantes, o que a PUC fazia? Trabalhava com a caixa única. A “caixa única” porque a gente tem o número suficiente de pagantes e ao mesmo tempo a gente tem, a PUC sempre teve, financiamentos privados e do governo federal. Então ela tinha uma subvenção, sempre teve, porque para manter uma universidade, com essa qualidade, com professores, com pesquisa e ensino, tudo mais, se for só de mensalidade não vai, mesmo se todo mundo pagar. Então ao mesmo tempo, colocar essa possibilidade como proposta da universidade é algo fantástico, e ela consegue fazer isso. Então a captação de alunos se dá frente à universalização da possibilidade de acesso ao ensino superior, que hoje em dia não só está presente na graduação, mas como na pós também, cada vez mais, na graduação e na pós-graduação. Isso faz com que, devido à demanda, você tenha outros tipos de alunos que têm outros tipos de preocupação, que têm outros tipos de formação, mas também você tem uma transformação epistemológica. De conhecimento, de temática, de forma de pensar, e tudo mais. Então faz parte dessa transformação muito grande para a gente perceber a mudança do alunato, a mudança de nós mesmos, e a mudança nas temáticas.

Hoje em dia, se eu cito um autor dentro da sala de aula, na mesma hora alguém vai lá no celular, vai procurar e falar: “Fulano de tal, que nasceu em tal lugar...”. A internet está presente o tempo todo. Eu até gosto de provocar às vezes quando eles começam a olhar muito para o telefone, eu cito um autor que não existe, aí eles não acham. Aí eu falo: “Para de olhar para o celular, gente, olha para mim”. Vão achar tudo na internet? Não vão não. Então deixa eu inventar minhas coisas aqui e vamos conversar um pouquinho. É claro que é uma provocação, porque não está tudo na internet. Uma coisa que eu faço questão de colocar para os alunos é: você só consegue achar as coisas na internet se você souber procurar, se você souber de onde você está saindo, quais são os autores, a pergunta é mais importante do que as respostas, as perguntas são fundamentais. Então aprende a perguntar, e

para aprender a perguntar você vai ter que se capacitar. São alunos de tudo que é tipo, hoje a mudança é muito grande, as universidades se modificaram.

A PUC vem sofrendo uma modificação gigantesca em relação a isso, a introdução da técnica, da tecnologia, é fantástica, é impressionante. A maioria dos alunos chega hoje em dia e não se dá conta de como é fácil entrar na internet e pesquisar as coisas, fazer pesquisas temáticas, pesquisar, é uma coisa que é uma facilidade muito grande, desde que você seja orientado para saber fazer esse tipo de coisa. Não basta ter a disponibilidade se você não souber fazer isso. Então os alunos hoje, por exemplo... Tem um momento aqui em que os alunos começam a chegar muito novos, também. Ou eu que estou ficando muito velho, ou eles que estão ficando muito novos, ou são as duas coisas ao mesmo tempo. Eu tenho mais de 40 anos de docência, os alunos estão chegando com 16, 17 anos, antes chegava 18, 19, 20. Outra coisa, também são alunos que têm outras preocupações, mas também com muita vontade de saber, quem escolhe fazer ciências sociais não é por acaso, ainda tem essa peculiaridade dos nossos alunos. Tem uma história que eu conto sempre para os alunos, uma provocação, que eu atribuo — não sei se é verdade — à Margareth Mead. Perguntaram para ela por que ela virou antropóloga, ela fala que ela virou antropóloga pelo seguinte: quem não está satisfeito consigo próprio vai virar psicólogo, quem não está satisfeito com a sociedade vira sociólogo, agora quem não está satisfeito nem consigo, nem com a sociedade vira antropólogo. Então é uma provocação aos sociólogos, psicólogos etc., uma brincadeira e tudo mais, mas isso na verdade hoje em dia se aplica à formação do cientista social. O cientista social é alguém que está incomodado, eu não falo insatisfeito, mas é incomodado; ele tem questões, colocações, se incomoda. Então esse aluno permanece chegando, que é o aluno que fica, que é o aluno em que a gente investe, que é o aluno que a gente forma.